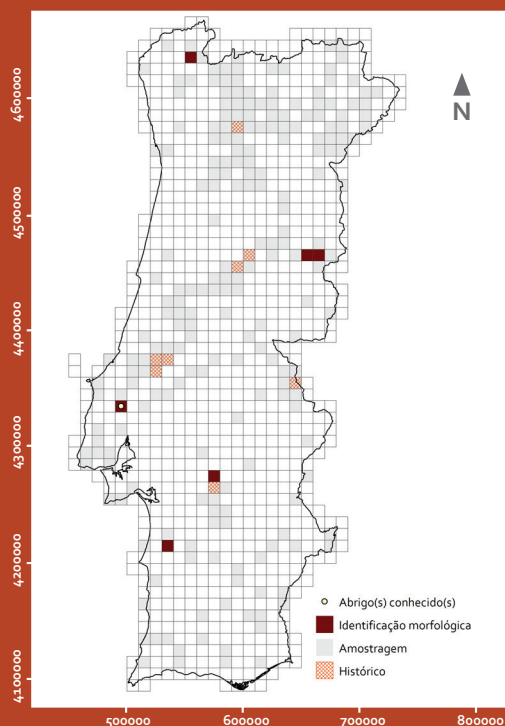


Myotis bechsteinii (KUHL, 1817)

Morcego de Bechstein



Fotografia de Francisco Amorim



Myotis bechsteinii (KUHL, 1817)

QUESTÕES TAXONÓMICAS E DE IDENTIFICAÇÃO

Espécie de tamanho médio com grandes orelhas (22-26 mm) que correspondem a mais de metade do comprimento do seu antebráço. Esta é a característica principal para a sua identificação, diferenciando-a das restantes espécies do género *Myotis*. Quando comparada com as espécies do género *Plecotus*, que também possuem grandes orelhas, pode ser facilmente distinguida já que nestas últimas espécies as orelhas se encontram unidas na base por uma prega de pele. Apresenta uma clara diferenciação entre a zona dorsal e ventral, sendo a primeira castanho claro e a segunda cinzenta [57]. Até à data não foram identificadas questões taxonómicas relevantes ou existência de subespécies, no entanto poderão surgir variações geográficas [57].

As características da sua ecolocalização não permitem uma identificação ao nível da espécie. Os pulsos de frequência modelada com uma duração entre 2-5 ms e que podem ir dos 130 kHz aos 35 kHz sobrepõem-se a outras espécies do género *Myotis*. Em situações em que as gravações possuam uma frequência inicial entre os 90 e os 130 kHz e a frequência final seja superior a 35 kHz é possível chegar a uma identificação que inclui esta espécie e *M. emarginatus*.

DISTRIBUIÇÃO

Global: Ocorre em florestas de folhosas caducifólias temperadas da Europa, sendo o seu limite de distribuição a região norte deste território [57, 154]. No sul da Europa, os escassos registos da espécie [155] estão, provavelmente, associados à retração de áreas de bosques de folhosas, apresentando uma distribuição fragmentada associada a estes habitats [154]. No norte a distribuição vai do sul de Inglaterra até ao sul da Suécia, atravessando a Polónia central onde se estende para sudoeste ao longo da Ucrânia

até ao Mar Negro [57]. Fora da Europa ocorre localmente na Anatólia, norte do Irão e Cáucaso [57].

Nacional: Em Portugal existem poucos registos desta espécie. Até 1999 apenas existiam registos para a região centro [24]. Mais recentemente foi também identificada em alguns locais do norte e sul [34, 42]. Os dados recolhidos no âmbito do Atlas permitiram confirmar a presença da espécie na região norte e sul, no entanto o número de registos da espécie continua a ser reduzido.

HABITAT

Abrigos: Espécie de comportamento tipicamente arborícola abriga-se preferencialmente em cavidades de árvores [156, 157], havendo também registos da utilização de caixas-abrigo e edifícios [158-160]. No sudeste da península Ibérica as colónias de criação estão associadas a florestas de caducifólias com elevada diversidade estrutural [156]. No norte e centro da Europa foram observados indivíduos em abrigos subterrâneos, embora, muito provavelmente, a maioria hiberne em cavidades de árvores [57].

Áreas de alimentação: Surge maioritariamente associada a bosques de caducifólias das florestas de folhosas, podendo surgir também em bosques mistos de coníferas e folhosas de folha caduca; segundo Napal et al. [161] evita bosques de folhosas perenifólias, no entanto, foi já observado em zonas de montado no sul de Portugal [42]. As maiores densidades surgem em florestas de carvalhos com uma grande proporção de árvores velhas, embora também possam ocorrer em menor densidade em florestas de coníferas, desde que estas apresentem uma estrutura e subcoberto arbustivo ricos [57, 161]. Caça junto à vegetação a uma altitude de 1 a 5 m do solo, podendo caçar na copa das árvores ou ao nível do solo em florestas antigas com subcoberto rasteiro [57].

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Estatuto: Em Perigo [51].

Legislação: Espécie incluída nos anexos B-II e B-IV da Diretiva Habitats e nos anexos II das Convenções de Berna e Bona.

Por ser uma espécie bem adaptada a florestas de folhosas antigas e bem desenvolvidas, a destruição e degradação destas florestas, que contribui simultaneamente para a perda de áreas de alimentação e de abrigo, constitui o principal fator de ameaça [51, 161]. O voo baixo característico desta espécie resulta num elevado risco de atropelamento, para além disso a construção de estradas tem impacto ao nível da fragmentação e de criação de efeito barreira [162]. O abandono de práticas agrícolas tradicionais e a transição para uma agricultura intensiva conduziram à redução, fragmentação e isolamento de habitats ótimos [161]. A agricultura intensiva conduziu também a uma crescente utilização de pesticidas, que resulta numa diminuição generalizada da abundância e diversidade de presas, bem como na contaminação dos indivíduos por ingestão de insetos [51].

As principais medidas de conservação passam pela adequada gestão de florestas de folhosas, com o corte seletivo e a proteção e manutenção de árvores velhas e mortas que possam ser utilizadas como abrigo [57, 156]. Uma vez que esta espécie parece utilizar caixas-abrigo, deve ser considerada a possibilidade da sua instalação em áreas de habitat favorável mas que não disponham de árvores com cavidades [51]. Prevenir a fragmentação de habitats e o efeito barreira resultante da construção de estradas através da criação de passagens [162] e condicionar a utilização de pesticidas são também medidas importantes que podem beneficiar esta espécie [57].

OUTRA INFORMAÇÃO

No centro da sua distribuição as colónias de criação subdividem-se frequentemente podendo os indivíduos mudar de abrigo em cada dois a três dias, e apenas se houver escassez de abrigos permanecerão no mesmo abrigo durante semanas [163]. Contudo, no sudoeste da península Ibérica este fenómeno parece ser mais raro [161].

Frequentemente captura as presas de superfícies (e.g. folhas) utilizando uma estratégia semelhante à usada pelas espécies do género *Plecotus* e que consiste na utilização das suas grande orelhas para ouvir os ruídos produzidos pelas presas [164].

FRANCISCO AMORIM